

**O Imaginário de Adolescentes Sobre o Alcoolismo: Um Estudo
Psicanalítico com o Procedimento de Desenhos-Estórias Com Tema**

Autores:

Marisa Minhoto

Fabiana Follador e Ambrosio

Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

Instituição:

Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade
Católica de Campinas

Endereço:

Avenida John Boyd Dunlop s/n – 13059-900 – Campinas - SP - Brasil

RESUMO

Apresentamos alguns aspectos da investigação do imaginário de adolescentes sobre alcoolismo, tal como podem ser apreendidos por meio do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. Estudamos vinte e três alunos de escola pública da cidade de São Paulo, com idade variando entre 14 e 16 anos. O exame psicanalítico das produções gráfico-verbais indicou a existência de dois campos psicológicos: “alcoolismo imotivado” e “alcoolismo ligado à vida”.

Unitermos: Adolescência. Psicanálise. Imaginário Adolescente. Alcoolismo.

ABSTRACT

Some aspects of the investigation of young people's imaginary about alcoholism, by means of the use of the Telling Stories Procedure, are presented. The youngsters, aged 14 to 16 years, of a public school of the city of S. Paulo, Brazil, were studied. The psychoanalytical study of their verbal and pictoric productions shows two psychological fields: “alcoholism imotivated” and “alcoholism related to life events”.

Uniterms: Adolescence. Psychoanalysis. Adolescent imagery. Alcoholism.

INTRODUÇÃO

Um dos mais importantes desafios que enfrentam atualmente a Saúde Mental e a Psicologia Clínica, como campos voltados ao tratamento e prevenção do sofrimento emocional, é o cuidado à adolescência, como fase vital caracterizada por vulnerabilidade, que por outro lado é também oportunidade para consolidação ou conquista de amadurecimento pessoal. São variadas as formas clínicas por meio das quais o mal estar afetivo e existencial pode expressar-se, sendo freqüentes quadros sintomáticos que envolvem passagem ao ato, na linha da tendência anti-social, contexto no qual podem tornar-se freqüentes queixas relativas ao consumo problemático de drogas.

Nas duas últimas décadas, muitas investigações de caráter epidemiológico, foram realizadas no Brasil e no exterior. O conjunto destes trabalhos evidencia que o uso abusivo de álcool e de drogas por adolescentes deve ser considerado um problema de saúde pública em todo o mundo (Galduróz, Noto e Carlini, 1997; Muza, Bettiol, Muccillo e Barbieri, 1997a, 1997b; Souza e Martins, 1998; Smart e Ogborne, 2000; Tavares, Béria e Lima, 2001; Carlini, Galduróz, Noto e Nappo, 2002; Baus, Kupek e Pires, 2002; Soldera, Dalgalarondo, Correa Filho e Silva, 2004; Guimarães, Godinho, Cruz, Kappann e Tosta Jr., 2004; Chaves e Andrade, 2005). Adotando metodologias centradas no uso de questionários, escalas e entrevistas dirigidas, tais pesquisas operaram no sentido de identificar fatores de proteção e risco, tendo em vista o desenvolvimento de programas de caráter preventivo, considerados, acertadamente, como menos custosos humana, social e financeiramente (Brown, 2002).

Os fatores de risco mais comumente encontrados são: problemas familiares, incluindo consumo parental ou familiar de drogas ou álcool, falta de apoio parental, ausência de prática religiosa e entrada precoce no mercado de trabalho (Singh e Mustapha, 1994; Nazar-Beutelspacher et al, 1994; McMorris e Uggen, 2000; Piko, 2000; Butters, 2002; Flishcer et al, 2003; Paschal, Flewelling e Russel, 2004). Fica, pois, evidente, que se trata de problemática complexa, na qual se articulam dimensões psicossociais e afetivo-existenciais. Por outro lado, em vários estudos os adolescentes apontam, como fatores de proteção, as relações familiares estáveis e a confiança no apoio dos pais, numa linha que ressalta a importância da família (Avi e Santos, 2000; Suárez e Galera, 2004; De la Cruz, 2003; Nizama, 2003). Tais achados encontram-se em perfeita sintonia com aquilo que a clínica psicanalítica, sobretudo nas chamadas vertentes contemporâneas, vem demonstrando, ao indicar que o ambiente familiar tem importância sustentadora fundamental no processo de desenvolvimento emocional da criança e do adolescente (Winnicott, 1965).

Em estudo recente, realizado a partir de entrevistas, jovens não usuários de classe baixa declararam acreditar que sua condição deriva da existência de estrutura familiar protetora e do acesso à informação sobre os malefícios da droga (Sanchez, Oliveira e Nappo, 2005). Tal visão parece bastante interessante porque os entrevistados referem-se exatamente a duas temáticas que têm sido muito estudadas na pesquisa psicológica: a estabilidade familiar e o poder da informação e do esclarecimento.

A questão da influência familiar tem sido abordada por autores alinhados a diferentes perspectivas teóricas no campo da Psicologia. Assim, tanto cognitivo-comportamentais, humanistas, psicanalistas e sistêmicos, só

para citar as correntes mais proeminentes, consideram que as bases da estabilidade emocional são estabelecidas no contexto das relações familiares. Além disso, quando alargamos nossa visão, incluindo conhecimentos oriundos da Sociologia, perceberemos que a manutenção de laços familiares emocionalmente estáveis depende das condições concretas de vida, que incluem a satisfação de carecimentos radicais, não apenas materiais, mas também morais (Heller, 1987). Neste ponto, os estudos de caráter epidemiológico se confrontam com problemáticas sociais e políticas de grande amplitude, que obrigam uma revisão de todo o raciocínio: não se tratará apenas de promover os chamados “fatores de proteção”, considerados como “fatores associados” ou “correlacionados” ao problema, mas de perceber que o uso problemático da droga é um dos sintomas da precariedade social de vida das camadas mais desfavorecidas da população.

O acesso ao conhecimento e à informação como saída de situações de sofrimento é outro tema caro não só à Psicologia, mas a todo o pensamento ocidental. Na verdade, pode-se dizer que a obtenção de conhecimento intelectual é um dos maiores valores de uma civilização que define a própria humanidade como racionalidade. Ora, se do ponto de vista ético não se pode negar a importância do esclarecimento na conquista de uma vida mais sábia e ética, não há como negar, a partir do advento da Psicanálise, que o ser humano muitas vezes é movido por motivações inconscientes, muitas vezes contraditórias. Ainda que pareça razoável ao senso comum, a idéia de envolvimento por ignorância com drogas que causam malefícios não resiste a um exame mais detido.

Aqueles que apostam na crença de que o incremento do saber tem poder de resolução de problemas emocionais direcionam seus esforços concebendo estratégias de esclarecimento. Um exemplo recente pode ser encontrado no estudo de Camargo e Barbará (2004), que investigaram os efeitos de panfletos informativos sobre o comportamento sexual de adolescentes, tendo em vista prevenir a infecção por HIV. Subjaz a esta linha de pensamento, uma concepção implícita, segundo a qual existiriam dois tipos de usuários de drogas: os mal-informados e os portadores de psicopatologia mais séria. Deste modo, explica-se que o conhecimento, socialmente disponível, acerca dos prejuízos derivados do álcool, do fumo e das drogas não é suficiente para simplesmente exterminar seu uso, atribuindo, ao usuário informado, comprometimentos psicopatológicos mais graves. Ora, existe hoje um conhecimento psicanalítico acumulado, que aponta tanto para a vulnerabilidade do adolescente a diferentes tipos de sofrimentos psicológicos (Bergeret, 1974; Winnicott, 1967; 1968a; 1968b), como para a relação entre a adolescência e uso problemático de drogas, como bem mostra, por exemplo, a revisão realizada por Kessler e colaboradores (2003).

Entretanto, se tomamos como ponto de partida a antropologia psicanalítica, que concebe o homem como ser animado por motivações afetivo-emocionais nem sempre conscientes, será possível admitir que qualquer pessoa pode, pontual ou duradouramente, adotar condutas não racionais. Um exemplo interessante pode ser obtido se considerarmos um problema atualmente enfrentado pelos médicos quando prescrevem exercícios, com finalidades preventivas ou mesmo curativas: a baixa adesão dos pacientes a este tipo de tratamento. O que se observa na clínica, em altíssima freqüência, é

que a declaração de conhecimento e informação acerca dos benefícios relacionados à prática do exercício não se faz acompanhar, como seria esperado, caso estivéssemos lidando com seres apenas racionais, de uma ação coerente. Cabe então perguntar: o que pode ser feito quando as pessoas agem de modo a se prejudicar a saúde, seja pela adoção de condutas lesivas, como consumo de drogas, seja pela não adesão a práticas benéficas? Há que se pensar que tais situações exigem a consideração de dimensões afetivo-emocionais, conscientes e não conscientes (Aiello-Vaisberg, 2005a), que pode ser atualmente contemplada por investigações sobre imaginários coletivos.

O imaginário coletivo deve ser compreendido como conjunto de complexos ideo-afetivos, ou “formas pensamento-sentimento” (Devereux, 1958), que são elaborados afetiva, mas não individualmente. Trata-se, pois, de conceito que rompe com o pressuposto segundo o qual o psiquismo acontece como interioridade individual, para entendê-lo como fenômeno que se gesta intersubjetivamente. O conhecimento do imaginário dos adolescentes em relação às drogas permitirá uma abordagem psicoprofilática que não simplifica indevidamente a problemática, permitindo mesmo que se lide com o fato do conhecimento dos malefícios poder, muito mais freqüentemente do que se imagina, quando se está refém da concepção do homem como ser racional, ser estímulo à prática que se quer justamente evitar.

A noção de imaginário tem sido usada, na psicossociologia psicanalítica, a partir da depuração crítica e teórica do conceito de representações sociais (Giusti-Desprairies, 2004). Sabemos que muitas pesquisas fecundas, focadas na teoria das representações sociais, chegaram a lançar luz sobre os modos como diferentes segmentos sociais lidam com

inúmeras questões, tais como a soropositividade, a loucura, a homossexualidade, a doença, e outras, a partir dos estudos de Moscovici (1989), Jodelet (1989) e Erzlich (1984). Entretanto, um estudo crítico de toda esta produção permite perceber que, malgrado as intenções declaradas, segundo as quais se tinha em mente valorizar tanto a dimensão social da vida humana, como o próprio processo de formação das representações, chegou-se a um destino diferente, que se caracteriza por um desprezo mais ou menos óbvio em relação às dimensões propriamente emocionais. De fato, o processo de produção das pesquisas foi sendo realizado cada vez mais em termos estritamente cognitivos, considerando esquematicamente que cada representação seria estruturada segundo um núcleo duro de significação e uma periferia mais frouxa. A partir de uma abordagem cada vez mais abstrata e distanciada do acontecer humano, social e individual, nenhum espaço foi concedido ao plano afetivo emocional, como se este não operasse efeitos.

Ora, se estamos interessados em mudanças na vida de indivíduos e coletivos humanos, sem deixar de reconhecer que o ser humano pode prejudicar-se intencionalmente, ainda que não conscientemente, devemos passar a levar mais a sério o imaginário coletivo, ultrapassando assim a abordagem exclusiva do fenômeno no plano da opinião ou da percepção consciente. Evidentemente, tal mudança exigirá o abandono da metodologia centrada em questionários, escalas e entrevistas dirigidas, em favor do uso de estratégias outras, capazes de acessar planos motivacionais não-conscientes, que têm sido designadas como campos psicológicos não-conscientes (Bleger, 1963; Herrmann, 1979).

Assim, propomo-nos, neste primeiro estudo, pesquisar o imaginário coletivo de adolescentes sobre o uso de álcool e drogas, por meio do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999, 2005b, Tardivo e Aiello-Vaisberg, 2001), tendo em vista produzir conhecimentos que possam orientar o planejamento de práticas psicoprofiláticas.

O erro sem volta ou depressão?

Decidimos investigar o imaginário coletivo de adolescentes sobre alcoolismo utilizando uma configuração de pesquisa que já testamos anteriormente, no contexto de tese de Livre Docência voltada à abordagem do imaginário de estudantes de Psicologia sobre a loucura e/ou doença mental (Aiello-Vaisberg, 1999), articulando o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema à Teoria Psicanalítica dos Campos (Herrmann, 1979; Herrmann e Lowenkron, 2004).

Nesta perspectiva teórica, estabelecemos como objetivo a identificação dos complexos ideo-afetivos constituintes do imaginário coletivo de adolescentes sobre o uso de álcool, bem como a captação dos campos psicólogos não-conscientes subjacentes, mediante o uso dialógico do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (Aiello-Vaisberg, 1997), que desenvolvemos a partir do procedimento idealizado por Trinca (1976), inicialmente destinado a uso psicodiagnóstico.

O trabalho organizou-se a partir da coleta¹ de vinte e três Desenhos-Estórias com tema, produzidos por alunos voluntários oriundos de três classes

¹ Marisa Minhoto responsabilizou-se pela coleta do material, contando com o auxílio de Alice Bei, estagiária de Psicologia do CEFOR.

de oitava série de escola municipal de ensino fundamental na cidade de São Paulo. Em aplicações coletivas, solicitamos aos jovens o desenho de “uma pessoa que usa álcool ou drogas” e a invenção de uma história sobre a figura desenhada. Foram disponibilizados para a execução da tarefa folhas de papel sulfite A4 e lápis preto número 2.

Considerado como um conjunto de comunicações sobre o tema proposto, o material foi analisado de acordo com o método psicanalítico, tal como tem sido operacionalizado no contexto da Teoria Psicanalítica dos Campos, por Fábio Herrmann (1979), em termos que conjugam os passos metodológicos da regra fundamental da associação livre e da atenção equiflutuante.

Os vinte e três Desenhos-Estórias foram produzidos por treze rapazes e dez moças, com idades variando entre 14 e 16 anos. Apenas em um caso, a figura do alcoólatra foi desenhada, por um rapaz, como pessoa de sexo feminino. Tal quadro indica que, no imaginário destes adolescentes, o alcoolismo é uma problemática eminentemente masculina. Observamos também que dezesseis das figuras desenhadas correspondem a pessoas em idade adulta, enquanto, por outro lado, sete das figuras representam adolescentes. Há, portanto, uma tendência a considerar o alcoolismo como problema que atinge mais freqüentemente adultos do que adolescentes.

A análise psicanalítica das produções permitiu a constatação da ocorrência de dois campos temáticos maiores: o do “alcoolismo imotivado”, presente em quinze produções, e o do “alcoolismo ligado à vida”, presente em oito produções. Este segundo campo subdivide-se, por sua vez, nos seguintes subcampos: desemprego e dramas humanos. Como um todo, tal configuração

indica, como mostram as produções presentes no primeiro campo, a prevalência de uma tendência a negar a vinculação deste problema às vivências pessoais e às circunstâncias concretas de vida, tendência essa que não se realiza de modo completo, uma vez que um segundo campo sustenta a percepção de que o exagero no consumo do álcool pode estar estreitamente ligado à dramática da vida, que inclui problemas tais como o desemprego, como gerador de grande insegurança, bem como a perda de familiares, o divórcio ou a falta de apoio dos pais. Este quadro pode ser psicanaliticamente compreendido como produção imaginativa que expressa tanto a tentativa de escapar à percepção das dificuldades da vida, como a possibilidade de reconhecer que condutas aditivas ligam-se a desconfortos existenciais importantes e duradouros. Cabe citar aqui alguns exemplos de Desenhos-Estórias inventadas pelos participantes desta pesquisa. As duas primeiras produções abordam o alcoolismo como ocorrência vinculada ao viver concreto, seja como decorrência do desemprego, seja como decorrência da perda de familiares. Pertencem, assim, ao campo do “alcoolismo ligado à vida”:



Figura 1 - Alcoolismo ligado à vida

“O Bêbado: Seu João era um homem muito trabalhador mas depois que ficou desempregado começou a beber muito, fica o dia inteiro no bar jogando e bebendo, enquanto a esposa dele fica em casa cuidando do filho, só que a esposa dele teve que arranjar um emprego pra sustentar o filho porque o marido só queria beber e gastar o dinheiro todo no bar, e ela começava a brigar com ele. Aí seu João começou a agredi-la e ela não agüentava mais aquela situação e resolveu se separar dele porque a filha dela sofria muito vendo o pai batendo na mãe. Seu João foi procurar uma casa pra morar mas não tinha dinheiro, aí ele começou a viver na rua como mendigo. E assim acabou uma família por causa da bebida maldita que destrói muitos lares” (inventada por menina de quinze anos).

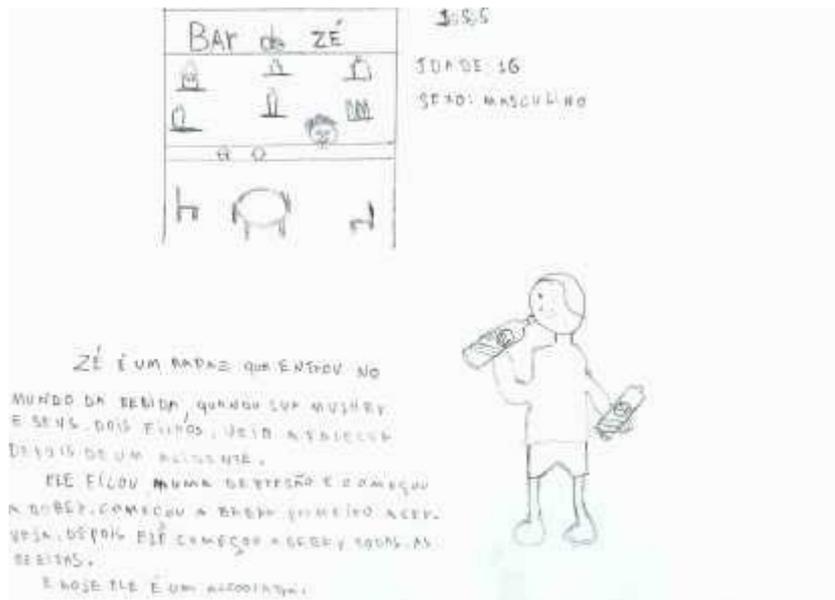


Figura 2 - Alcoolismo ligado à vida

“Zé é um rapaz que entrou no mundo da bebida quando sua mulher e seus dois filhos veio a falecer depois de um acidente. Ele ficou numa depressão e começou a beber, começou a beber primeiro cerveja, depois ele começou a beber todas as bebidas. E hoje ele é um alcoólatra”
(inventada por menino de dezesseis anos).

A seguir, apresentamos exemplos de histórias que repousam sobre o campo psicológico do “alcoolismo imotivado”:



Figura 3 – Alcoolismo imotivado

“Sem ela eu não vivo: Bom esta é a história de José. Ele era um alcoólatra mas não queria a ajuda de ninguém... ele bebe o dia todo, não come nada, só bebe, e a pessoa que só bebe e não come cai + rápido. Então ele trabalhava de mecânico e todo o salário dele era gasto em álcool. Sua esposa já não agüentava mais ver ele chegar bêbado em casa e resolveu procurar ajuda em uma casa de alcoólatras anônimos. Mas ele não mudava de opinião, não queria ir. A sua mulher resolveu levar ele a força e levou. Só que ele ficou mal por causa que não tinha 51 e conseguiu fugir. E até hoje ele está nessa vida de

ALCOÓLATRA”

(inventada por menina de catorze anos)



Figura 4 – Alcoolismo imotivado

*“Ele é um rapaz de 20 anos que bebia só de brincadeira, com os amigos. Ele só vivia zoando com as pessoas mas ele acabou viciando em bebidas alcoólicas e hoje não tem nada, não tem dinheiro, não tem família, pois a família o largou, eles queria ajudar mas ele não queria ajuda de ninguém. Hoje ele é um cara que sem alimento e só bebendo corre o risco de ter uma cirrose”
(inventada por menino de catorze anos).*

Nestas produções aparece, em pessoas que têm família, amigos e empregos, uma tendência imotivada a aderir ao álcool desvinculada de qualquer problemática, que os leva à perda inexplicável de condições de vida aparentemente isentas de infortúnios ou sofrimentos.

A organização do imaginário dos adolescentes estudados em termos dos campos do “alcoolismo imotivado” e do “alcoolismo ligado à vida” reproduz uma situação que temos encontrado em vários trabalhos em que pesquisamos

representações de diferentes grupos, diretamente ou indiretamente relacionados ao fenômeno da psiquiatrização, em relação à loucura² e mais precisamente no trabalho de Livre Docência (Aiello-Vaisberg, 1999). Esta configuração expressa duas tendências contraditórias: uma que entende que a loucura ou o alcoolismo são sintomas de um viver problemático, e outra que entende que nenhum vínculo existe entre a psicopatologia e a experiência de vida. Estas duas posições correspondem a estratégias subjetivas de abordagem do sofrimento emocional, que ora apostam na evitação da dor pela via da negação de significados, ora apostam no enfrentamento da verdade emocional.

O campo do “alcoolismo imotivado” gera produções cuja argumentação central visa assinalar que o alcoólatra teria tudo para ter uma boa vida, não fosse algo dentro dele impulsioná-lo inexplicavelmente para o consumo aditivo. Para, no material que estamos analisando, certa ambigüidade acerca da responsabilidade do alcoólatra pelo seu comportamento, havendo indícios de que o indivíduo “não quer” parar ou “não quer” ajuda, na linha de um voluntarismo resistente e negativo. Por outro lado, as produções relativas ao campo do “alcoolismo ligado à vida” são mais desenvolvidas e claras, talvez justamente por não buscarem evasivas ou escapatórias. Os dois subcampos, desemprego e dramas humanos, correspondem a produções que vinculam claramente questões tais como a insegurança material e financeira, a insegurança sexual, traição, luto e falta de apoio parental ao consumo do álcool.

² O leitor pode encontrar as referências destes trabalhos no *curriculum Lattes* de Tânia Maria José Aiello Vaisberg, no site www.cnpq.br.

Merece especial atenção o fato de o alcoolismo ser visto predominantemente como problemática adulta, na medida em que tal imaginário pode gerar uma sensação de imunidade que certamente não contribuirá na adoção de condutas mais cautelosas em relação à bebida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aiello-Vaisberg TMJ. Conversando com o paciente sobre a prática de exercícios. In Vaisberg M. (org) *O exercício como terapia na prática médica*. São Paulo; Artes Médicas; 2005a. p. 47-50.
- Aiello-Vaisberg TMJ. Consultas Terapêuticas Coletivas e Abordagem Psicanalítica do Imaginário Social. In Aiello-Vaisberg T., Ambrosio FF. (orgs.) *Cadernos Ser e Fazer: Reflexões Éticas na Clínica Contemporânea*. São Paulo; Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; 2005b. p. 27-44.
- Aiello-Vaisberg TMJ. *Ser e Fazer: Enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. São Paulo; Idéias e Letras; 2004.
- Aiello-Vaisberg TMJ. Investigação de Representações Sociais. In Trinca W. (org.) *Formas de Investigação Clínica em Psicologia*. São Paulo; Vetor; 1997. p. 255-288.
- Aiello-Vaisberg TMJ. *Encontro com a Loucura: Transicionalidade e Ensino de Psicopatologia*. [Tese de Livre Docência]. São Paulo: IPUSP; 1999.
www.teses.usp.br
- Avi MC, Santos MA. Percepção do relacionamento familiar em mães de adolescentes usuários de drogas. In: Mav L.; Santos MA. (orgs.) *Uso e*

abuso de álcool e drogas. Ribeirão Preto; Editora Legis Summa; 2000.
p.115-125.

Baus J, Kupek E, Pires M. Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares, 2002. *Rev.Saúde Pública* 2002; 36: 40-46.

Bergeret J. (1974) *Personnalité normale et pathologique*. Paris; Dunod; 2000.

Bleger J. (1963) *Psicologia de la conduta*. Buenos Aires; Paidós; 2001.

Brown RT. Risk factors for substance abuse in adolescents. *Pediatr Clin North Am* 2002; 49: 247-55.

Butters JE. Family stressors and adolescent cannabis use: a pathway to problem use. *Journal of Adolescence*. 2002; 25: 645-654.

Camargo BV, Barbará A. Efeitos de panfletos informativos sobre aids em adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(3), 2004.

Carlini EA, Galduróz JE, Noto AR, Nappo S. Levantamento domiciliar sobre uso de drogas no Brasil. Estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país - 2001. Secretaria Nacional Anti-Drogas (SENAD) e Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). São Paulo; Cromossete Gráfica e Editora Ltda; 2002.

Chavez LMC, Andrade D. La escuela básica em la prevención Del consumo de alcohol y tabaco: retrato de uma realidade. *Revista Latino Americana de Enfermagem*; Ribeirão Preto; 2005; 13 (spe).

De La Cruz GR. Drogadependencias: Família, Terapia y epistemologia. Lima: Editorial Comisión Nacional para el Desarrollo de Vida sin Drogas (DEVIDA); 2003. Gerencia de Prevención y Rehabilitación Del Consumo de Drogas.

- Devereux G. Cultural thought models in primitive and modern psychiatric theories. *Psychiatry*; 1958; 359-374.
- Erzlich C. La problematique de la représentation sociale et son utilité dans le champ de la maladie. *Sciences Sociales et Santé*; 1984; 2; 71-84.
- Flishcer AJ, Parry CDH, Evan J, Muller M, Lombard C. Substance use by adolescents in Cape Town: prevalence and correlates. *Journal of Adolescent Health*; 2003; 90: 65-72.
- Galduróz CF, Noto AR, Carlini EA. Levantamento sobre uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º Graus em 10 capitais brasileiras. São Paulo; CEBRID/EPM; 1997.
- Giusti-Desprairies F. Répresentation et Imaginaire. In Barus-Michel J, Enriquez E, Lévy A. *Vocabulaire de Psychosociologie*. Paris; Eres; 2004.
- Giusti-Desprairies F. L'imaginaire collectif ou la construction du monde dans les groupes institués. *Revue Française de Psychanalyse*. Paris; PUF; 1999.
- Guimarães JL, Godinho PH, Cruz R, Kappann JI, Tosta Jr LA. Psychoactive drugs use by school-age adolescents, Brazil. *Rev.Saúde Pública* 2004; 38 (1).
- Heller A. (1970) *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona; Ediciones Península; 1987.
- Herrmann F. (1979) *O método da psicanálise*. São Paulo; Brasiliense; 1991.
- Herrmann F, Lowenkron T. *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo; Casa do Psicólogo; 2004.
- Jodelet D. *Folies et représentations sociales*. Paris; PUF; 1989.

- Kessler F, Diemen L, Seganfredo AC, Brandao I, Saibro P, Scheidt et al.
Psicodinâmica do adolescente envolvido com drogas *Revista de Psiquiatria*; 2003; 25 (1).
- McMorris BJ, Uggen C. Alcohol and employment in the transition to adulthood.
J Health Soc Behavior, 2000; 41: 276-94.
- Moscovici S. Des représentations collectives aux représentations sociales: éléments pour une histoire. In Jodelet D. *Les représentations sociales*. Paris; PUF; 1989.
- Muza GM, Bettioli H, Muccillo G, Barbieri MA. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares em Ribeirão Preto, SP (Brasil). Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. *Rev. Saúde Pública* 1997a; 31: 21-9.
- Muza GM, Bettioli H, Muccillo G, Barbieri MA. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares em Ribeirão Preto, SP (Brasil). Distribuição do consumo por classes sociais. Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. *Rev. Saúde Pública* 1997b; 31: 163-70.
- Nazar-Beutelspacher A, Tapia-Conyer R, Villa-Romero A, Leon-Alvarez G, Medina-Mora ME, Salvatierra-Izaba B. Factores asociados al consumo de drogas em adolescentes de áreas urbanas de México. *Salud Publica Mexicana* 1994; 36: 646-54.
- Nizama M. Guia para el Manejo Familiar de las Adicciones. Lima; Fondo Editorial Alas Peruanas; 2003.
- Paschal MJ, Flewelling RL, Russel T. Why is work intensity associated with heavy alcohol use among adolescents? *Journal of Adolescent Health* 2004; 34: 79-87.

- Piko B. Perceived social support from parents and peers: which is the stronger predictor of adolescent substance use? *Substance Use and Misuse*. 2000; 35: 617-630.
- Sanchez ZM, Oliveira LG, Nappo SA. Razões para o não-uso de drogas ilícitas entre jovens em situação de risco. *Rev.Saúde Pública* 2005; 39 (4).
- Singh H, Mustapha N. Some factors associated with substance abuse among secondary school students in Trinidad and Tobago. *Journal of Drugs and Educacion*.1994; 24: 83-93.
- Smart RG, Ogborne AC. Drug use and drinking among students in 36 countries. *Addictive Behavior* 2000; 25: 455-60.
- Soldera M, Dalgarrondo P, Correa Filho HR, Silva CAM. Use of psychotropic drugs Amon students: prevalence and associated social fators. *Rev.Saúde Pública* 2004; 38 (2).
- Souza DP, Martins DT. O perfil epidemiológico do uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino de Cuiabá, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 1998; 14: 391-400.
- Suarez RES, Galera SAF. Discurso delos padres sobre el uso de drogas lícitas e ilícitas percebido por estudantes universitários. *Revista Latino-americana de Enfermagem*. 2004; 12 (numero especial): 406-411.
- Tardivo LSPC, Aiello-Vaisberg TMJ. Natureza e Esportes ou Violência e Drogas? A juventude no imaginário de jovens indígenas aculturados. *Psic Revista da Vetor Editora* 2001; São Paulo: 2,(3), 26-37.
- Tavares BF, Béria JU, Lima MS. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. *Rev.Saúde Pública* 2001; 35:150-8.

- Trinca W. Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de apercepção temática. Belo Horizonte; Interlivros; 1976.
- Winnicott DW. (1965) *The Maturational Processes and the Facilitating Environment*. London; Karnac; 2005.
- Winnicott DW. (1967) O Conceito de indivíduo saudável. In *Tudo Começa em Casa*. São Paulo; Martins Fontes; 1999.
- Winnicott DW. (1968a) Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro; Imago; 1975.
- Winnicott DW. (1968b) A imaturidade do adolescente. In *Tudo Começa em Casa*. São Paulo; Martins Fontes; 1999.